

Pacote econômico domina os debates no Congresso

Exedito Filho

O gosto amargo do pacote ainda estava na boca de parlamentares e líderes oposicionistas que, da tribuna, deram cores negras às medidas econômicas adotadas pelo ministro do Planejamento, Delfim Netto. O vice-líder do PMDB, deputado Hélio Duque, após enfatizar que a nação encontra-se a bordo de um "Titanic" que reflete o desespero social, argumentou que se os grupos financeiros têm a capacidade de retaliação, o Brasil também possui a mesma capacidade.

Por sua vez, o líder do PT, Airton Soares, estranhou o comportamento do governador de Minas Gerais, Tancredo Neves quando este afirmou que o pacote foi uma medida necessária, apesar do combate da liderança do PMDB. O PDT, através de seu vice-líder, Sérgio Lomba, enxerga como saída para a difícil situação econômica a construção de uma ponte em direção das eleições diretas para a Presidência da República.

Este debate dominou toda a sessão do plenário ontem. Mas não faltou também um telegrama, tendo como destinatário o presidente Figueiredo, e que foi lido e enviado pelo deputado Cunha Bueno (PDS-SP), no qual o parlamentar ressaltou sua lealdade e sentiu-se preocupado com as medidas econômicas tomadas:

— Ao contrário de sanear a economia — escreveu Bueno no telegrama — aumentarão a recessão e, conseqüentemente, o desemprego com possíveis e graves conseqüências sociais jamais vistas, começando pela agricultura e seus desdobramentos, penalizando a iniciativa privada nacional e aumentando, surpreendentemente, a concentração de recursos na mão do Estado.

Bueno sugeriu para o problema da dívida externa uma solução política através da participação do Itamaraty e de representantes da iniciativa privada. A barra está pesada. O ministro Delfim Netto, por outro lado, adiou a

exposição que faria no dia 14 na Câmara, para o próximo dia 28. Segundo Hélio Duque, o ministro está esperando o primeiro a aprovação do FMI no que se refere ao pacote e, logo depois, deverá enfrentar da tribuna os parlamentares oposicionistas.

O reescalonamento da dívida externa brasileira, segundo o deputado Hélio Duque, contaria com apoio da classe política. "Não ouço vozes discordantes a essa tese e não sei porquê o governo não a pratica", disse ele, observando que a retaliação é usada pelos grupos financeiros internacionais.

Duque ressaltou que as negociações se verificam, atualmente, de maneira incompetente. Citou, como exemplo que Chuck Landau, chefe do Departamento Latino do First City National Bank of Houston, mostrou-se interessado em participar do reescalonamento da dívida brasileira.

Mas o parlamentar oposicionista lamentou que, como a equipe econômica brasileira só vai a Nova Iorque, Chicago e Londres, os médios bancos, que poderiam ter uma participação no processo, encontram-se afastados.

PRESSÃO

"O governo sucumbe à pressão do FMI". A constatação é do líder do PT, Airton Soares, acrescentando que estão entregando a dignidade e a soberania nacionais a entidades multinacionais, capitaneadas pelos Estados Unidos. "O país está à beira do abismo e da falência", afirmou.

Um pouco pessimista, Airton Soares afirmou que, mesmo com a garantia do líder do governo, Nelson Marchezan, de que não haveria desindexação dos índices, o que se ouviu depois da reunião do Conselho Monetário, foi de que caberá ao Congresso aprovar tal medida.

Garantiu que os parlamentares estão atentos e não deixarão qualquer projeto alterando a política salarial passar na Câmara dos Deputados. "Não acreditamos que Marchezan volte atrás ou que a bancada do PDS adogue a desindexação dos índices".